



## Marquês de Sade em busca da decência

*CARAMBAIA lança seleção de novelas não eróticas do autor francês. Os textos que compõem o volume **Novelas trágicas, inéditos no Brasil**, revelam a tentativa do escritor de mostrar seu valor literário e defender-se das acusações de libertinagem e depravação*

A primeira singularidade das *Novelas trágicas* é que são textos do Marquês de Sade (1740-1814) destituídas de descrições de atos sexuais e torturas. Foram escritos entre 1787 e 1788, enquanto ele estava preso na Bastilha, onde se originaram também algumas de suas obras libertinas mais conhecidas, como *120 dias de Sodoma*. Ao que tudo indica, Sade escreveu essas novelas em busca de reconhecimento literário e para tentar convencer seus leitores de que não era o autor de livros obscenos que circulavam clandestinamente e sem assinatura. O projeto de narrar histórias “contidas nas regras do pudor e da decência” rendeu dezenas de novelas, das quais onze foram publicadas apenas em 1799, com o título de *Crimes do amor: novelas heroicas e trágicas*. Cinco desses textos, inéditos no Brasil, compõem o volume agora lançado pela editora CARAMBAIA, além do ensaio que Sade escreveu sobre a história e as características do gênero romance, que serviu como prefácio ao conjunto original.

Nele, o marquês defende a tese de que os primeiros enredos romanescos, sob a forma de fábula, derivaram da religiosidade – surgiram com os deuses, a ideia da eternidade da alma e as demais “quimeras” humanas. Ou seja: tudo aquilo que o marquês escolheu como objeto de escárnio nos escritos mais célebres, a começar pelo amor e seus desenganos. A leitura das *Novelas trágicas* mostra que Sade cumpriu com dedicação os requisitos que elegeram como obrigações dramáticas do romance, sobretudo compor “personagens vigorosos que, joguetes e vítimas daquela efervescência do coração conhecida com o nome de amor, nos mostram dele, de uma só vez, os perigos e os infortúnios”. Na alma e na ação dos personagens, contudo, esconde-se o mesmo escritor subversivo e cruel das páginas libertinas.

O “divino marquês”, como o chamavam os surrealistas, recheou seus “contos de amor” de violência física e psicológica, incesto, cativo e assassinos covardes, entre outras atrocidades. Também estão nessas histórias os pilares da filosofia sadiana: a racionalidade fria e precisa do crime, a execução metódica do desejo, as elucubrações vazias da religião, as ilusões patéticas que alimentam a ideia de virtude.

As argumentações filosóficas saem sempre da boca dos vilões e, como observa no posfácio o tradutor e professor de literatura André Luiz Barros, “o Mal é representado com cores tão intensas que o leitor é confrontado com sua presença e inevitabilidade”. O Sade libertino e o Sade das *Novelas trágicas* quase se encontram na história que fecha a coletânea, Eugénie de Franval, na qual um pai educa a filha para tornar-se sua amante e se dispõe a vários crimes na determinação de manter a relação incestuosa. A edição original de *Crimes do amor* suprimiu um trecho mais explícito, de quinze parágrafos, que foi incluído na atual tradução.

Donatien Alphonse François de Sade passou quase metade de seus 74 anos de vida encarcerado sob acusação de promover orgias, praticar abusos sexuais e provocar danos físicos. Só assinou duas obras durante a vida – além de *Crimes do amor*, o romance epistolar *Aline e Valcour* (1795). O período de cinco anos que passou na Bastilha terminou em 1789, poucos dias antes de os revolucionários invadirem o presídio. Sade, que via na queda da monarquia a possibilidade de surgimento de uma época de liberdade irrestrita, se engajou na nova ordem, mas seria preso de novo durante o período do Terror. Mais tarde, também o regime de Napoleão o jogaria na cadeia. Durante o século XIX, a obra e a pessoa de Sade foram submetidas ao esquecimento forçado, embora manuscritos clandestinos circulassem por mãos célebres como as de Stendhal e Flaubert. Somente no século XX a literatura de Sade voltou à luz, atraindo o interesse de pensadores como Georges Bataille, Theodor Adorno e Simone de Beauvoir.



O projeto gráfico de *Novelas trágicas*, de Luciana Facchini e com ilustrações de Zansky, propõe um jogo que remete às atitudes dissimuladas dos personagens das *Novelas trágicas* e também aos disfarces do próprio autor. O livro vem inserido numa luva que funciona como uma máscara: quando sobreposta aos desenhos, tanto das capas como internos, revela traços escondidos nas ilustrações.

Ficha técnica:

Título: *Novelas trágicas*

Autor: Marquês de Sade

Tradução e posfácio: André Luiz Barros

Projeto gráfico: Luciana Facchini

Ilustrações: Zansky

ISBN: 978-85-69002-30-7

Número de páginas: 328

Ano de publicação: 2017

Acabamento: brochura com invólucro em plástico

Dimensão: 15x23cm

Tiragem: 1.000 exemplares

Preço: R\$ 104,90

Editora: CARAMBAIA

Editora CARAMBAIA

Rua Américo Brasiliense, 1923, cj. 1502.

04715-005 - São Paulo SP

Tel.: (11) 2366-5538

Site: [www.carambaia.com.br](http://www.carambaia.com.br)

Contato para imprensa:

Beatriz Reingenheim

(11) 98405-9585

[kulturalis@kulturalis.com.br](mailto:kulturalis@kulturalis.com.br)